

REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR E ORIENTAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL

LUÍS IMAGINÁRIO

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação/ Universidade do Porto

António Carreira



É geralmente admitido que os professores das diversas disciplinas curriculares, até independentemente de quais, exercem uma influência apreciável na emergência de projectos escolares e profissionais nos seus alunos. Essa influência, parece, é também independente do grau de intencionalidade com que se exercerá e ainda do seu sentido, isto é, de os professores se perfilarem como modelos a seguir ou a evitar. Quanto a este último aspecto, porém, haverá lugar para distinguir a influência dos professores enquanto “representantes” de uma determinada área do saber ou de uma dada profissão, no caso, justamente, a docente. Assim, não é raro encontrar adolescentes e jovens que, por influência, aliás assumida, de certo professor, projectam seguir a sua formação científica, por exemplo, mas que, em contrapartida, afirmam rejeitar a eventualidade de, uma vez diplomados, virem a ser professores! A observação dessa influência não obsta a que também comumente se reconheça a necessidade de os sistemas de formação se dotarem de profissionais da

educação cuja função específica não seja a docência, mas sim a ajuda à elaboração e concretização de projectos escolares e profissionais. Estes profissionais, é sabido, são genericamente chamados, entre nós, profissionais da orientação, título que, apesar de algo redutor, tem sentido (e se tem mostrado útil) para, consensualmente, se designarem profissionais de vária proveniência em termos de formação de base (psicólogos, peritos de orientação ...) e ainda de diverso enquadramento institucional (Ministérios da Educação e do Emprego e da Segurança Social, principalmente). No sistema educativo formal, concretamente nos ensinos básico e secundário, os profissionais da orientação têm realizado as suas intervenções, individuais e/ou em grupo, junto dos alunos umas vezes em tempos disponibilizados pelos respectivos professores (horário lectivo), e assim de algum modo, embora enviesadamente, integrados curricularmente, ou, outras vezes, disponibilizados pelos próprios alunos, e assim claramente extracurriculares.

A reestruturação curricular

Entretanto, a mais recente reestruturação curricular dos ensinos básico e secundário abriu novas possibilidades para as intervenções de orientação escolar e profissional, as quais, entre outras virtualidades, permitirão ampliar e aprofundar a cooperação, já praticada, entre professores e profissionais da orientação, sem prejuízo de continuar a ser salvaguardada a diferenciação das suas funções. Referimo-nos, em primeiro lugar, nos ensinos básico e secundário, à Área-Escola e à Área de Formação Pessoal e Social, onde se inclui a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, e, no ensino secundário, à componente de Formação Técnica tanto dos cursos gerais como dos cursos tecnológicos. Referimo-nos também, em segundo lugar, de novo nos ensinos básico e secundário, às Actividades de Complemento Curricular, presentes do 1º ao 12º ano de escolaridade. Referimo-nos ainda, enfim, à transdisciplinaridade, que animará todo o desenvolvimento curricular nesses segmentos do sistema de ensino. Valerá então a pena explorar brevemente essas possibilidades, nomeadamente nas suas articulações, mas tentando distinguir o que aí deverá ser distinguido.

A Área-Escola, a Área de Formação Pessoal e Social (e, como possibilidade, a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social) e as disciplinas da componente de Formação Técnica são todas curriculares, no sentido em que para elas são previstos tempos (e espaços) próprios para as respectivas actividades educativas. Todavia, a Área-Escola, sendo curricular, não é disciplinar, no sentido em que, diferentemente das outras duas, não lhe são atribuídos docentes e conteúdos programáticos específicos, constituindo-se antes como um espaço (e um tempo) de multidisciplinaridade. Esta diferenciação repercute-se nos modos diversos como professores e profissionais da orientação nelas poderão intervir e cooperar.

Intervenção nas disciplinas curriculares

A docência das disciplinas curriculares, quaisquer que sejam, é explicitamente assumida e protagonizada, com toda a naturalidade, pelos professores, que conduzem os processos de ensino-aprendizagem através dos quais cumprem os respectivos programas. A natureza particular destes programas, contudo, pode aconselhar que incluam actividades cuja organização e desenvolvimento ganhará em contar com a colaboração dos profissionais da orientação, inclusive em termos de facilitar aqueles processos, graças à acrescida relevância de que podem revestir-se determinados conteúdos quando sistematicamente intencionalizados numa perspectiva de orientação escolar e profissional. Assim, por exemplo, no caso das disciplinas da componente de Formação Técnica dos cursos secundários, gerais

ou tecnológicos, apesar de, segundo estes tipos de cursos, prosseguirem objectivos distintos, naqueles mais acentuadamente de exploração vocacional, nestes principalmente de especificação e de operacionalização de projectos de formação já assaz definidos e direccionados (mas não necessariamente irreversíveis ou definitivos).

A intervenção dos profissionais da orientação, nesses casos, não acrescenta conteúdos – não há “mais matéria” para ensinar e aprender – nem, na maioria das situações, exigirá a inclusão de novas actividades além das comumente planeadas pelos professores, desde que estas não se limitem a métodos expositivos e compreendam contactos com contextos outros que os espaços lectivos, as habituais “visitas de estudo”, por exemplo. Em contrapartida, admite-se que será exequível preparar, realizar e integrar essas actividades de modo a desocultar dimensões ou aspectos frequentemente esquecidos quer na relação formação-profissão-emprego quer do impacto dos papéis profissionais, dos contextos de trabalho no desempenho de outros papéis sociais em diversos contextos de vida. Trata-se de explorar, confrontar-se, tomar posição para construir saberes, mudar atitudes e valores, exercitar comportamentos enquanto se elaboram, reformulam ou rejeitam projectos escolares e profissionais. Afigura-se despiciendo multiplicar aqui exemplos de actividades realizáveis e de meios mobilizáveis (tantos são!) para tornar efectivas as estratégias da orientação escolar e profissional; não será demais insistir, porém, em que deverão ser diferenciadas segundo os objectivos da intervenção e com eles consistentes, além de congruentes com os das disciplinas curriculares onde se inserem.

Intervenção na Área-Escola

Na Área-Escola, por seu turno, professores e profissionais da orientação partilharão mais equitativamente responsabilidades pelo desenvolvimento de actividades e projectos multidisciplinares, embora esta multidisciplinaridade possa implicar “ir buscar mais horas” à(s) disciplina(s) particularmente envolvida(s) num dado projecto ou actividade. Para além dessa “contabilidade”, porém, o que se afigura incontroverso é que a promoção dos objectivos mesmos da Área-Escola – a concretização dos saberes através de actividades e projectos multidisciplinares, a articulação entre a escola e o meio e a formação pessoal e social dos alunos – como que solicita a intervenção da orientação escolar e profissional, cujos objectivos em parte se confundem com aqueles. Em cooperação com os professores, os profissionais da orientação têm aí ocasião, nomeadamente, para rendibilizar a rede de relações com o meio, com as suas instituições e organizações significativas, que são supostos tecer, como uma das condições para desempenhar com sucesso o seu papel.



Intervenção na Formação Pessoal e Social

A Área de Formação Pessoal e Social, que se concretiza em objectivos de formação transdisciplinar (a que se fará adiante referência), na Área-Escola (já mencionada) e nas Actividades de Complemento Curricular (a abordar de seguida), integra, também, um tempo semanal, organizado de forma analógica a uma disciplina, que se designa Desenvolvimento Pessoal e Social. Como é sabido, os professores de Desenvolvimento Pessoal e Social podem ser provenientes de qualquer disciplina ou área disciplinar, habilitando-se para a docência neste domínio através de formação específica. Valerá a pena, no que concerne o papel dos professores na orientação dos alunos, destacar o facto de que o desenvolvimento vocacional constitui uma dimensão da formação pessoal e social de crianças e jovens e que, portanto, centrando-nos agora nas possibilidades oferecidas pela "disciplina" de Desenvolvimento Pessoal e Social, fácil será imaginar todo um conjunto de actividades que aí poderão ser realizadas estendendo-se da preparação (por exemplo, de projectos a realizar fora do espaço da escola, como é o caso das visitas a empresas ou das entrevistas a profissionais, entre outros), à realização, propriamente dita, (incluindo actividades de simulação de papéis ou de exploração de materiais representativos do mundo do trabalho, como documentos escritos, videogramas, bases de dados informáticas, etc.), e sobretudo à integração, isto é, à criação de momentos de expressão de opinião, pensamentos e sentimentos sobre as experiências/actividades em curso, da sua discussão e sistematização, a qual, de resto, pode dar origem a produtos tangíveis: relatórios, jornais, artigos, materiais, etc..

Intervenção nas Actividades de Complemento Curricular

As Actividades de Complemento Curricular apresentam-se explicitamente como de carácter facultativo e natureza eminentemente lúdica e cultural, nelas se incluindo, nomeadamente, o desporto escolar. Na perspectiva de intervenção dos profissionais da orientação, abre-se de novo a possibilidade de, sem nada acrescentar, em termos de conteúdo, a tais actividades, as explorar também enquanto podem permitir, por um lado, alargamento do contacto dos jovens escolares com profissionais outros que os da educação e, por outro lado, ensaios de tomadas de decisão, de projectos de investimento porventura menos comprometedores dos que os mais imediatamente profissionalizantes. A este respeito, importarão, talvez, duas observações, aliás interligadas: primeira, que as actividades de lazer tendem a constituir uma das poucas onde se prevê, desde o curto prazo, uma forte criação de emprego; segunda, que, também tendencialmente, os tempos livres ocupam uma parte cada vez mais significativa da existência das pessoas. Assim, o olhar da

orientação escolar e profissional, o seu envolvimento nas actividades de complemento curricular, diferenciado embora ao longo dos ensinos básico e secundário, legitima-se tanto de um ponto de vista imediato, pragmático (oportunidades de confronto com novos empregos e novas profissões), quanto de um ponto de vista mediato, formativo (educação das escolhas).

Intervenção na transdisciplinaridade

A transdisciplinaridade – nos termos mesmos da reestruturação curricular a que aqui se alude – articula-se, nomeadamente, com a valorização da dimensão humana do trabalho, que constitui um objectivo dos ensinos básico e secundário que deve ser progressivamente concretizado através de todas as componentes curriculares, de acordo com o desenvolvimento e o nível etário dos alunos, levando-os à construção dos seus interesses e aptidões e ao desenvolvimento de competências gerais de empregabilidade. É difícil ser mais explícito quanto às relações entre a transdisciplinaridade e a orientação escolar e profissional, que apenas falta nomear. Curiosamente, o texto legal que aqui nos serve de referência (Decreto-Lei nº 286/89, de 29 de Agosto, artº 9º, sobre as "Formações transdisciplinares") diz também que todas as componentes curriculares dos ensinos básico e secundário intervêm no ensino-aprendizagem da língua materna – em paralelo com a valorização da dimensão humana do trabalho e com a formação pessoal e social dos alunos –, devendo contribuir para o desenvolvimento das capacidades do aluno ao nível da compreensão e produção de enunciados orais e escritos em português, o que, evidentemente, não obsta a que a disciplina de Língua Portuguesa/Português esteja presente nos planos curriculares de todo o ensino básico e ensino secundário. É justamente esse o exemplo que mais comumente se dá quando se pretende mostrar que, apesar de a orientação escolar e profissional estar presente nas práticas de todos os professores, nem por isso, ela deve deixar de ser objecto de intervenções *ad hoc* dos profissionais da orientação!

Em conclusão, procurou-se, ainda que de uma forma breve, identificar as novas possibilidades proporcionadas pela reestruturação curricular dos ensinos básico e secundário, designadamente quanto à formulação de objectivos educativos no domínio da orientação escolar e profissional dos alunos, bem como sobre a criação de espaços para a sua implementação a diferentes níveis. Da análise realizada, parece tornar-se evidente a imprescindibilidade do papel dos professores na promoção do desenvolvimento vocacional e da orientação dos alunos – a questão de ter ou não influência nesse processo não se põe, mas sim a do sentido dessa influência –, o que, à luz da reforma do ensino básico e secundário, obriga a um redimensionamento do seu desempenho, transcendendo as funções e actividades típicas da versão tradicional desse papel.

ENCONTRO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO PARA OS MEDIA

dias 20, 21 e 22 de Novembro de 1995, em Coimbra



A explosão mediática dos últimos anos exige respostas no domínio da educação para os media, quer estas sejam fruto do trabalho dos profissionais dos órgãos de informação, quer das instituições educativas, quer ainda de outras forças sociais ou institucionais.

Este Encontro deseja juntar profissionais dos media (imprensa, rádio e televisão) com professores e com todos aqueles que trabalham no domínio da educação para os media. Procura também enriquecer a experiência portuguesa com contributos de investigadores e peritos de outros países.

Convidados estrangeiros já confirmados

Évelyne Bévort

Clemi, França

Thierry De Smedt

Université de Louvain-la-Neuve, Bélgica

Wolfgang Novak

Universität Witten/Herdecke, Alemanha

INSCREVA-SE ATÉ FINAL DE SETEMBRO!

Mais informações pelo telefone 039 - 410 99 31/30
Uma iniciativa da Licenciatura em Jornalismo
Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra